

JOSÉ Q. PINHEIRO
HARTMUT GÜNTHER

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente



Casa do Psicólogo®

ALL
BOOKS®

© 2008 Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda e All Books Casa do Psicólogo®
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,
sem autorização por escrito dos editores.

1ª Edição
2008

Editores

Ingo Bernd Güntert e Christiane Gradvohl Colas

Assistente Editorial
Aparecida Ferraz da Silva

Editoração Eletrônica
Sergio Gzeschnik

Produção Gráfica & Capa
Ana Karina Rodrigues Caetano

Revisão
José Luiz de Campos Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente/ José de Queiroz
Pinheiro & Hartmut Günther, organizadores. – São Paulo: Casa do
Psicólogo, 2008.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7396-574-2

1. Psicologia ambiental 2. Psicologia ambiental - Pesquisa I.
Pinheiro, José de Queiroz. II. Günther, Hartmut.

07-6264

CDD- 155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia ambiental 155.9

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.
Rua Santo Antonio, 1010 Jardim México 13253-400 Itatiba/SP Brasil
Tel.: (11) 4524-6997 Site: www.casadopsicologo.com.br



All Books Casa do Psicólogo®
Rua Simão Álvares, 1020 Vila Madalena 05417-020 São Paulo/SP Brasil
Tel.: (11) 3034-3600 E-mail: casadopsicologo@casadopsicologo.com.br

Sumário

Apresentação	7
A Metodologia do Experimento Ecológico	11
<i>Mara Campos-de-Carvalho</i>	
O Uso da Entrevista na Interação Pessoa-Ambiente	53
<i>Isolda de Araújo Günther</i>	
Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental	75
<i>José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali & Odara S. Fernandes</i>	
Como Elaborar um Questionário	105
<i>Hartmut Günther</i>	
Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental	149
<i>Sylvia Cavalcante & Regina Heloisa Maciel</i>	
Percepção e Representação Ambiental - Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental	181
<i>Maria Inês Gasparetto Higuchi & Ariane Kuhn</i>	
Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes	217
<i>Gleice Azambuja Elali & José Q. Pinheiro</i>	

Afetividade e Ambiente Urbano: Uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos	253
---	-----

Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Diário Pessoal como Técnica de Coleta de Dados em Estudos Sobre as Relações Pessoa-Ambiente	281
---	-----

José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali, Andréia V. M. Azevedo, Bárbara C. G. Farias, Mariana C. Costa & Soraya S. Andrade

Projetando Ambientes mais Sustentáveis com a Colaboração da Psicologia Ambiental	313
--	-----

Beatriz Fedrizzi & Sérgio Luiz Valente Tomasi

Interação Humana com Ambientes Naturais: Uma Revisão no Periódico <i>Environment and Behavior</i>	343
---	-----

Susana Martins Alves & Gowri Betrabet-Gulwadi

A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações	369
--	-----

Hartmut Günther, Gleice A. Elali & José Q. Pinheiro

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentação

A presente coletânea se destina a profissionais que estudam as interações pessoa-ambiente nas suas mais variadas formas e queiram se aprofundar no domínio dos meios empregados para suas pesquisas. Usamos no título do livro o termo *estudos pessoa-ambiente* para caracterizar o campo de estudo dessa interface, mas temos plena consciência de outras denominações, tais como *estudos ambiente-comportamento*, *psicologia ambiental*, *comportamento pró-ambiental*, *psicologia arquitetônica* ou *projeto do lugar*. Mais importante, a relação entre pessoa(s) e ambiente(s) é objeto de estudo de profissionais da antropologia, arquitetura, psicologia, biologia, desenho industrial, educação ambiental, ergonomia, geografia, planejamento urbano, psicologia e sociologia, entre outros.

Sem dúvida, o campo dos estudos sobre a interação pessoa-ambiente avançou nos últimos 40 anos na Europa, nos EUA, e, especialmente, na América latina. Entretanto, existem poucos livros sobre como se faz pesquisa dessa interação; a única publicação da qual temos conhecimento surgiu em 1987, nos EUA, por Bechtel, Marans e Michelson. Pesquisadores da área costumam recorrer a livros de métodos das suas respectivas áreas de atuação, fato este que contribui para falta de coerência e dificuldade de interlocução entre as disciplinas envolvidas.

O objeto deste livro é facilitar o diálogo que transcende as linguagens metodológicas específicas, abrindo caminho para a abordagem multimétodos. Ressalta-se que, ao mesmo tempo em que os

capítulos apresentam maneiras diferentes de pesquisar a interação pessoa-ambiente, os seus autores têm trajetórias de formação diferentes e são provenientes de lugares de atuação geograficamente variados.

Os capítulos podem ser divididos em duas categorias. Os primeiros quatro tratam de técnicas “tradicionais” de pesquisa em sua aplicação à área de interação pessoa-ambiente: o experimento (capítulo 2), a entrevista (capítulo 3), a observação (capítulo 4) e o questionário (capítulo 5).

Os capítulos seguintes tratam de técnicas mais específicas para estudos de interação pessoa-ambiente:

A percepção ambiental é abordada nos capítulos 6 e 7: o primeiro propõe a aplicação de método de simulação para investigar a percepção de ambientes; o segundo mostra o potencial da percepção e da representação ambiental como recursos de investigação voltados para a educação ambiental.

A afetividade é tema enfatizado nos capítulos 8 e 9, respectivamente, sobre a autobiografia ambiental e os mapas afetivos. A autobiografia ambiental é apresentada como uma estratégia que explica a participação dos ambientes na história de cognições e afetos ambientais da própria pessoa, enquanto que os mapas afetivos enfatizam esses elementos na relação das pessoas com os ambientes da cidade.

O diário pessoal é objeto do capítulo 10, que ilustra o papel complementar dessa técnica, ou sua indicação especial para situações em que é difícil ou impossível a utilização de outros meios de coleta de dados.

O capítulo 11 apresenta a contribuição da psicologia ambiental para o projeto de ambientes mais sustentáveis.

Uma ilustração de revisão crítica da literatura é o tema do capítulo 12, que analisa artigos publicados no periódico *Environment and Behavior*, sobre o tema da interação das pessoas com os ambientes naturais.

O livro conclui com um apelo à necessidade de uso de abordagem multimétodos e da importância de utilizar, sempre que possível, mais de uma técnica num dado projeto de pesquisa.

Por fim, destacamos que a presente coletânea não tem a pretensão de ser exaustiva, pois as necessidades associadas à pesquisa das interações pessoa-ambiente indicam que muito ainda precisa ser construído. Ao mesmo tempo, esperamos que esse conjunto de trabalhos constitua um passo importante nessa direção.

Os organizadores

Referências

- Bechtel, R. B., Marans, R. W., & Michelson, W. (Org.). (1987). *Methods in environmental and behavioral research*. Nova York: van Nostrand Reinhold.

Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes

Gleice Azambuja Elali &

José Q. Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Introdução

Tenho 26 anos. Sempre morei no mesmo bairro, mesma rua, mesma casa, desde que nasci. Isso me deu o privilégio de acompanhar o crescimento de toda uma parte da cidade. (...) Lembro de um tempo em que as casas eram todas iguais e o resto do mundo era muito longe. Hoje a nossa rua não se parece mais com um conjunto habitacional, cada morador transformou sua residência em um domicílio diferenciado, impondo ao local suas características pessoais. (D.C., 2001, M, 26)

Durante os meus 20 anos estive em muitos lugares, tanto no Brasil quanto fora daqui. Alguns conheci somente de passagem, outros pude desfrutar por mais tempo. Filha de militar, durante minha infância e adolescência não lembro de ter vivido mais de dois ou três anos em uma mesma cidade, às vezes apenas uns seis meses. Embora não tenha dificuldade para me adaptar a novos locais, a cada mudança eu me sentia fragilizada: a curiosidade e as expectativas pelo novo teimavam em misturar-se à falta do que já conhecia, por menor que fosse o

tempo que eu estivesse ali (...) De cada local, as principais lembranças que possuo dizem respeito aos grandes momentos de felicidade e às imagens da natureza: uma praia, um por do sol, um dia frio, a neve, um vulcão extinto, um dia no mangue, perder-me em um pinheiral, um longo passeio a cavalo. (D.C., 2000, F, 20)

Quando me deixo levar pela lembrança é inevitável voltar à casa de minha avó materna, que morava no interior. Era uma casa de telhado alto à mostra, típica de fazenda. Brincar sem pressa sob as mangueiras, brigar com os primos e fazer logo as pazes para poder continuar brincando, nadar no açude, comer fruta fresquinha ainda no pé, sentir o gosto forte do queijo de coalho maturado na cozinha mesmo, o cheiro do fumo que meu avô mascava, e o cheirinho suave do perfume da minha avó que me acariciava com aquelas mão levinhas. (D.C., 2000, F, 23)

Nos mais diversos campos do conhecimento, é possível encontrar trabalhos dedicados ao estudo do habitat humano, interesse que engloba modalidades que vão desde o desenvolvimento de soluções técnico-construtivas até a discussão das necessidades subjetivas individuais dos usuários, passando pelas políticas e práticas sociais. Na área da percepção ambiental tem crescido o interesse pelos laços afetivos e cognitivos que se estabelecem entre pessoa e ambiente, cuja compreensão é considerada fundamental para o entendimento das experiências ambientais vivenciadas pelos indivíduos, das suas atitudes e comportamentos para com o meio, e para a formação de própria identidade pessoal e grupal.

Entre os diversos modos de investigação desses laços estão as autobiografias ambientais, textos escritos em primeira pessoa cujo principal foco é colocado nas experiências ambientais dos participantes.

Para apresentar e discutir o uso de autobiografias em pesquisa na área das relações pessoa-ambiente, esse capítulo foi organizado da seguinte maneira: a seção inicial esboça uma base conceitual para os itens que a seguem. Em continuação apresentamos a técnica da

autobiografia ambiental tal qual a temos utilizado no contexto acadêmico, e algumas de suas aplicações. Finalmente, relatamos alguns resultados de trabalhos desenvolvidos pelos autores nos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia e em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que indicam a importância da técnica como facilitadora da emergência de informações sobre as bases afetivas e cognitivas da experiência ambiental, assim como a possibilidade de aplicação dos resultados obtidos a outras etapas de uma mesma investigação e/ou outras áreas do conhecimento.

Optamos, ainda, por discorrer de modo geral sobre a aplicação da técnica e seus resultados, ilustrando alguns dos tópicos pela citação literal do discurso (oral e/ou escrito) de pessoas que participaram de nossas pesquisas (independentemente dos objetivos específicos dos trabalhos que as originaram). Resguardando o anonimato desses participantes, identificamos seus comentários com a indicação, entre parênteses, da expressão D.C. (depoimento coletado), seguida pela data, gênero do depoente (F para feminino e M para masculino) e sua idade naquele momento, conforme pode ser observado nos trechos escolhidos para iniciar este capítulo.

Uma base conceitual

A experiência ambiental é extremamente importante para a espécie humana, ligando-se à formação da identidade individual e/ou grupal e às condições de apropriação dos ambientes pelos seus usuários. No entanto os componentes afetivos e cognitivos dessa experiência são dificilmente identificados, o que deve-se tanto a sua grande diversidade quanto à subjetividade relacionada à percepção ambiental.

Em texto hoje clássico, Ittelson, Proshansky, Rivlin e Winkel (1974) definiram oito pressupostos básicos relacionados à compreensão psicológica da relação que se estabelece entre pessoa e ambiente, como apresentado na Tabela 1 (itens 1 a 8). Recentemente, uma

das integrantes daquele grupo pioneiro de autores – Leane Rivlin (2003) – retomou tal trabalho, tendo acrescentado mais três pressupostos aos originalmente definidos, os quais também foram incluídos na referida Tabela (itens 9 a 11).

Tabela 1

*Pressupostos psicológicos básicos das relações pessoa-ambiente
(itens 1 a 8 extraídos de Ittelson et al., 1974; 9 a 11 de Rivlin, 2003)*

1. O ambiente é vivenciado como um campo unitário.
2. A pessoa tem propriedades ambientais tanto quanto características psicológicas individuais.
3. Não há ambiente físico que não seja envolvido por um sistema social e inseparavelmente relacionado a ele.
4. A influência do ambiente físico no comportamento varia de acordo com a conduta em questão.
5. O ambiente opera abaixo do nível da consciência.
6. O ambiente “observado” não é necessariamente o ambiente “real”.
7. O ambiente é organizado cognitivamente em um conjunto de imagens mentais.
8. O ambiente tem valor simbólico.
9. O aumento da quantidade de tecnologia na vida das pessoas criou novas dimensões ambientais que têm impacto nas atividades diárias.
10. Os aspectos éticos da pesquisa e da prática ambientais exigem uma reflexão contínua.
11. A experiência ambiental tem natureza holística.

É crescente o reconhecimento da importância de considerarmos o fator afetividade na discussão das relações pessoa-ambiente, apesar de ainda pouco explorada. Segundo Tuan (1980, p. 106), o elo afetivo entre a pessoa e o ambiente físico, por ele denominado *topofilia*, pode ser delimitado com base em quatro eixos: apreciação estética; contato físico direto com o meio; relação de familiaridade e

conhecimento acumulado sobre o local (inclusive do seu passado); possibilidade de estabelecer relações de contrastes entre ambientes e seu impacto. O primeiro diz respeito ao contato visual com a paisagem, o qual, mesmo que tenha sido intenso, é considerado efêmero, já que, por si só, não garante a posterior retomada da relação. O segundo, refere-se à experiência direta do ambiente, qualquer que seja sua duração, o que implica o uso intenso e continuado de todos os sentidos, proporcionando uma percepção mais holística do local. O terceiro é a familiaridade, de acordo com o autor, a única capaz de suscitar uma real afeição ou repulsa pelo ambiente. Finalmente, o quarto aspecto é a diferenciação entre ambientes, permitindo que a pessoa construa “anti-imagens” (p. 117), com base nas quais estabelece seus próprios parâmetros de julgamento e escolha, delimitando locais pelos quais tem maior ou menor apego. Nesse item destaca-se, entre outros, a percepção da dicotomia cidade/campo.

Ressaltando a importância das relações topofílicas, o autor indica que, embora o ambiente possa não ser a sua causa direta, ele é o principal responsável pelos estímulos sensoriais que as eliciam.

As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas (Tuan, 1980, p. 137).

O resgate do sentimento de topofilia também está diretamente relacionado ao entendimento da distinção entre os conceitos de espaço e lugar.

O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. (...) Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. (...) O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e

estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar. (Tuan, 1983, pp. 03-06)

Nosso exame da literatura disponível sobre o estudo dos vínculos pessoa-ambiente nos permite inferir que esse tipo de investigação deve ter como base a memória dos indivíduos e/ou grupos envolvidos, e levar em consideração a intensidade e as características de suas vivências em função do contexto sócio-cultural no qual elas ocorreram, dos indícios de temporalidade representados e da ordem (real ou situacional) indicada pela narrativa. O primeiro destes aspectos diz respeito à compreensão do contexto no qual estas experiências aconteceram. Já os indícios de temporalidade envolvem tanto a duração do(s) evento(s) selecionados para descrição, quanto a posição cronológica destes na vida de quem fala, e o entendimento dos parâmetros usados pelo indivíduo para dar um foco às suas ações, isto é, passado-presente-futuro. Finalmente, o terceiro aspecto refere-se à ordem utilizada na narrativa, que pode ser real ou situacional.

Conjugando tais aspectos, é preciso considerar, ainda, os conceitos de *affordance* (Günther, 2003; Gibson, 1979) e *apego ao lugar* (ou *place attachmen* - Altman & Low, 1985), ambos intrinsecamente relacionados ao entendimento da percepção ambiental e do seu desenrolar no tempo. Discutindo o *apego ao lugar* em função do ciclo vital do indivíduo e da família, Rubinstein e Parmelee (1992) salientam o seu caráter dinâmico, salientando que “não é um estado, mas um processo que continua por toda a vida” (p.143).

Outro tópico especial no estudo da experiência ambiental humana é a relação morador-moradia, visto que investimos grande parte de nossa vida emocional no local onde moramos, para cuja compreensão a experiência e a memória são cruciais. Em termos psicossociais a habitação é uma das principais fontes de identidade espacial e temporal, tanto individual quanto familiar (Devey, 1985),

que se forma a partir da conexão de três componentes: (i) o contexto sócio-ambiental experienciado, (ii) as pessoas (indivíduos e gerações) e (iii) os elementos de temporalidade (conjugando a realidade presente com a consciência do passado e as expectativas para o futuro).

Nesse último sentido, Werner, Altman e Oxley (1985) indicam que a habitação está submetida a duas temporalidades, a linear (*continuum* passado-presente-futuro) e a cíclica (ciclos diários, semanais, mensais, anuais, e repetições rítmicas como dormir-acordar-dormir, alimentar-se, realizar práticas religiosas), ambas afetadas por variações relativas às exigências de cada período (escala/contexto) e a eventos esporádicos significativos. Em suas narrativas de experiências ambientais os indivíduos freqüentemente lançam mão da memória dos ambientes habitacionais, pontuada por diferentes indicações temporais.

Falando especificamente sobre as relações entre a pessoa e seu ambiente residencial, é fundamental distinguir o simples “habitar” do “morar efetivamente” (Merleau-Ponty, 1999; Wiesenfeld, 1997 e 1994; Américo, 1995; Certeau, 1994; Norberg-Schultz, 1981 e 1980, entre outros), apontando que a diferença entre estes conceitos relaciona-se à intensidade da experiência (sócio-cultural, temporal e de ordenamento) do indivíduo ou grupo. Tais discussões estendem-se à compreensão das semelhanças e diferenças entre os conceitos de casa e lar (do inglês, *house x home*), bem estar macro-social e subjetivo/individual (*welfare x wellbeing*), e espaço-conceitual e espaço-vivido ou experienciado.

Nos últimos séculos verifica-se que a mobilidade das pessoas no meio urbano e entre cidades se alterou significativamente, de modo que durante a vida é possível vivenciarmos vários tipos de moradia, o que amplia o referencial experiencial das pessoas e mobiliza seu espírito crítico relativo ao ambiente residencial (Moser, 2003). Dois dos trechos citados na abertura deste capítulo evidenciam justamente essa diferença perceptiva e de vivência.

A autobiografia ambiental: descrição e aplicações

A experiência ambiental humana tem sido estudada a partir da utilização de métodos como questionários, mapas cognitivos, entrevistas, diários de viagem e relatos pessoais, mesmo que muitos dos últimos não tenham sido produzidos com essa intenção.

As prateleiras de livrarias estão repletas de histórias de vida de artistas, empresários, esportistas e políticos – seja em forma de biografias, autorizadas ou não, ou autobiografias – ou ainda de relatos de experiências narradas pela própria pessoa que as viveu, como no caso dos livros de Amir Klink (1985, 1992, 2000). Esse navegador brasileiro, famoso por suas travessias solitárias de oceanos, produziu excelentes narrativas sobre a relação homem-mar, nas quais estão registrados perigos, encontros, a importância de um bom planejamento, monotonia, problemas inesperados e soluções inusitadas.

Atualmente a elaboração de autobiografias é bastante difundida, provavelmente correspondendo a um esforço (mesmo não-consciente) para respondermos às forças histórico-culturais que continuamente nos lembram ter havido uma época na qual o presente e o passado se encontravam, pois quando as famílias estendidas por várias gerações residiam em um mesmo local por muito tempo, “o hoje e o ontem se misturavam freqüente e familiarmente. Para a grande maioria de nós esse estilo de vida pertence ao passado e só nos resta a memória para construirmos os mosaicos de nossas vidas” (Rivlin, 1978, p. 2).

Corroborando essa argumentação, Tuan (1999) esclarece que o interesse por relatos de vida pessoais caracteriza o nosso tempo, e sua elaboração constitui uma tarefa especial e psicologicamente complexa.

Quem **sou eu**? Esta é a questão mais em moda no final do milênio. Todos estão perguntando isso. Não apenas indivíduos, mas também grupos e até nações perguntam a si mesmo “quem **sou eu**?” ou “quem somos nós?”. Entre as maiores causas do enfraquecimento do senso de self estão a mobilidade social e geográfica e a rápida mudança tecnológica. Nós estamos, como se pode dizer, no limiar de uma crise de

identidade. (...) Biografias e autobiografias há em abundância. O self é melhor conhecido a partir de um esforço mental contínuo e cumulativo, e o modo mais eficiente de fazê-lo é escrever. (pp. 03-04)

Também valorizando esse tipo de atividade para o autoconhecimento, Giddens (1992) indica que “manter um diário e elaborar uma autobiografia são recomendações para manter-se a integridade do self” (p.76).

Apesar de sua evidência como gênero literário não-científico, as biografias e autobiografias não têm grande destaque nos manuais de métodos e técnicas de pesquisa, geralmente sendo incluídos em seções mais gerais, como *documentação pessoal* (Sommer & Sommer, 1997) e/ou *histórias de vida* (Zeisel, 1981).

Por outro lado, a busca em bancos de dados como o PsycINFO acessado por intermédio do Portal Periódicos da CAPES, indica que, além de existirem *journals* específicos sobre narrativas e similares (o que indica a importância desse tipo de pesquisa), as biografias e autobiografias tem amplo uso, fazendo-se presentes em vários veículos de comunicação. Além disso, como método para coleta de dados a autobiografia têm feito parte do arsenal utilizado por muitos pesquisadores, sendo bastante utilizada em teses e dissertações, mas com menor presença em periódicos, publicações que representam a continuidade da vida acadêmica dessas pessoas.

De modo geral a autobiografia tem se mostrado uma ferramenta útil em várias áreas de conhecimento, sobretudo em ciências humanas e sociais aplicadas. Em psicologia, ela tem sido utilizada em estudos relacionados à memória (Stein, Trabasso & Albro, 2002; Lee, Uhlemann & Barak, 1999), habilidades cognitivas e de comunicação (Banyard, 2000, Quigley, 2002), personalidade (Kuehnlein, 1999; Koestner & Hum, 1995; Walker), idosos (Richeson & Thorson, 2002) e questões de gênero (Borrelli, 2002). Também é freqüente seu uso em orientação vocacional (Bohoslavsky, 1975; Levenfus, 2002). Nesse caso, opera como um instrumento dedicado não só a compreender o que se passa na vida do adolescente, mas também, entre outros aspectos,

a explicitar para ele mesmo as relações subjacentes à sua trajetória de vida e que podem ter condicionado suas escolhas (Pinheiro, 1998). Esses tipos de uso indicam que tal técnica é amplamente aplicável ao estudo das relações pessoa-ambiente.

Nos trabalhos relativos ao relacionamento ambiente-comportamento, a autobiografia já foi usada como um recurso de acompanhamento da evolução intelectual da própria área (Pinheiro, 1998). Na coletânea organizada por Irwin Altman e Kathleen Christensen em 1990, encontram-se relatos pessoais bem informais de autores de destaque no campo, com uma linguagem menos presa aos rigores habituais da academia e da ciência, histórias bem humoradas que transmitem uma versão dos fatos jamais possível de ser obtida nos livros e artigos escritos por essas pessoas. É o caso de “um peixe que estuda água”, de Robert Sommer; “do pragmático ao espiritual”, de Clare Cooper-Marcus; “caminhos voltados para a consciência ambiental”, de Leanne Rivlin; e do convidativo “pensamento... tão divertido quanto sexo, drogas e rock’n roll”, de Michael Brill. Sobre espaço ainda para o reconhecimento dos *insights* imprevistos, não planejados, que a vida nos reserva, como no relato de Ervin Zube, ou para que Roger Barker utilize seu próprio conceito de *behavior setting* como referência para historiar sua vida profissional. Incluindo também os relatos de Harold Proshansky, Amos Rapoport, Kenneth Craik, do próprio Irwin Altman, Seymour Wapner, David Canter, e M. Powell Lawton, esse conjunto de depoimentos acrescenta um “toque-de-mestre” à área, somente possível por um meio como a autobiografia.

Além disso, vários autores têm utilizado autobiografias como estratégia para introduzir suas idéias. No campo das relações pessoa-ambiente podemos citar o prefácio de Clare Cooper-Marcus e Wendy Sarkissian (1985), intitulado “*as autoras e seus valores ambientais*”, no qual elas descrevem seus ambientes de infância e adolescência, o contexto sócio-econômico vivenciado, e seus sentimentos com relação a eles, como um modo para facilitar o entendimento do texto a seguir.

Contribuindo para o estudo da experiência ambiental humana desde a década de 1970, Cooper-Marcus (1979) tem trabalhado com relatos escritos em primeira pessoa e centrados nas relações do indivíduo com o(s) ambiente(s) com que teve/tem contato, ou seja, além da história/trajetória de vida, a abordagem adotada inclui, como exigência extra, a focalização da narrativa nas relações pessoa-ambiente. Comenta a autora:

Comecei a desenvolver exercícios mais elaborados para os estudantes, como um caminho para fazê-los olhar para “campos e pradarias perdidos” no decorrer de sua vida (...) Criei o termo autobiografia ambiental. (p. 2)

A produção desse tipo de relato busca auxiliar a explicitar relações cognitivas e afetivas da pessoa com situações de vida que nem sempre estão evidentes para os envolvidos, mas que o pesquisador pode eventualmente considerar como necessário conhecer. Sua elaboração pode superar barreiras instrumentais existentes em técnicas mais estruturadas ou sofisticadas de coleta de dados, pois, ao apreciar o *self* e o mundo, o indivíduo utiliza sua própria linguagem. Em pesquisa, o papel da autobiografia seria menos o de “gerar” dados, no sentido dos usuais métodos padronizados de larga escala, e muito mais o de “permitir que o conhecimento emergja” (Lawton, 1987, p. 352).

O que diferencia o texto de uma autobiografia ambiental do produzido em outras autobiografias é a sua menor atenção para com datas, nomes de pessoas e detalhes semelhantes, em favor de uma maior ênfase na descrição de lugares que “marcaram” o depoente e os sentimentos a eles relacionados.

Uma autobiografia ambiental é, portanto, uma história pessoal que inclui o ambiente como o principal ator no conjunto dos personagens, constituindo um processo através do qual as pessoas se põem em contato com suas próprias memórias dos lugares experienciados durante a vida (Pinheiro, 1998).

A elaboração desse tipo de trabalho envolve atividades não-verbais (como desenhos, pinturas, colagens e similares) e verbais (relatos orais e escritos), feitos isoladamente ou em conjunto. As primeiras representam um modo livre para descrição da experiência ambiental, embora sua decodificação seja dificultada pela maior ou menor habilidade artística do indivíduo, exigindo do pesquisador um processo de leitura específico. Já os segundos são depoimentos de caráter individual e/ou coletivo, podendo envolver, inclusive, o compartilhamento de vivências e *insights*.

Escritos em primeira pessoa, tais relatos correspondem a um esforço mental do indivíduo para a produção de um texto sobre sua história ambiental. Além de, obviamente, exigir que o autor reflita sobre sua trajetória de vida, ele implica alguma prática na produção de textos, pois o envolvido precisa repensar sua história pessoal e decidir-se sobre o modo de melhor comunicá-la, o que corresponde, no mínimo, a tomar decisões com relação aos fatos que serão salientados ou eliminados.

Como ferramenta de pesquisa de caráter exploratório, a autobiografia ambiental pode ser utilizada no início da pesquisa, quando se configura como um modo de obter informações preliminares e levantar questões a serem investigadas por meio de métodos/técnicas mais estruturados no decorrer da pesquisa. Em etapas não tão iniciais de um projeto de pesquisa, ela pode servir como auxiliar na complementação e aprofundamento de dados coletados por outros instrumentos, como seria possível, por exemplo, em uma estratégia de pesquisa-ação, em que dados mais gerais obtidos do grupo poderiam ser “traduzidos” para a realidade de vida daquelas pessoas com base nas informações contidas nas autobiografias ambientais. Esse sentido pode ser ilustrado por Rivlin (2003) ao comentar:

O uso de autobiografias ambientais acompanhadas por entrevistas, desenhos e fotografias produzidas pelos respondentes pode desvendar as qualidades tanto de lares anteriores quanto dos significados ambientais associados a eles (p. 217).

A elaboração de autobiografias ambientais é pouco influenciada pelo pesquisador e fortemente controlada pelo pesquisado, baseada que é na percepção e nas escolhas individuais do depoente, o que traz vantagens e desvantagens para sua adoção como instrumento de pesquisa. Entre seus principais pontos positivos encontra-se o fato de o documento produzido ser passível de várias retomadas posteriores podendo, em função dos interesses específicos de cada pesquisa, ser analisado sob inúmeros aspectos, tanto qualitativos quanto quantitativos. Quando comparada a outras ferramentas de investigação, a autobiografia ambiental tem a vantagem de permitir o afloramento de temas de interesse particular do indivíduo e peculiaridades que foram especiais para ele, o que dificilmente acontece em situações mais estruturadas. No entanto, esse é, ao mesmo tempo, um ponto negativo, pois não havendo um roteiro pré-determinado a seguir, a possibilidade de comparação entre as experiências dos depoentes diminui consideravelmente. Além disso, como apenas o respondente controla as informações prestadas, nada impede que omita aspectos que julgue inadequados, ou venha a exacerbar experiências de menor importância pessoal, mas que acredite serem socialmente valorizadas.

O que distingue minha autobiografia? (...) Eu posso dizer que esta é a primeira autobiografia escrita por um geógrafo chinês-americano de classe média (...), outra marca de distinção, é contar uma direção ou movimento de vida não-usual. Para muitas pessoas a vida se move do privado para o público – de uma infância vivenciada em casa e na vizinhança, para uma idade adulta acontecida em fóruns públicos cujo escopo vai aumentando: local, regional, nacional. Minha vida, em contraste, moveu-se em direção oposta – do público para o privado, do mundo para o self. (Tuan, 1999, p. 10)

Produzir uma autobiografia ambiental não é – como já mencionado – um exercício simples, pois exige algum esforço introspectivo dos participantes, gerando graus variados de aceitação. Por isso,

autores da área têm proposto modos complementares para incentivo à explicitação do vínculo afetivo da pessoa com os ambientes vivenciados, como são a *resposta subjetiva* e a *viagem imaginária*.

A primeira (*resposta subjetiva*) tem sido utilizada por Robert Bechtel (1991) em sua prática como docente, e consiste em solicitar ao estudante que escolha um ambiente qualquer e escreva um ensaio sobre seus sentimentos a seu respeito. É comum que o objetivo pretendido não seja atingido na primeira tentativa, geralmente porque o emocional estava ausente do relato, de modo que o instrutor costuma devolver o trabalho, com indicações para ser refeito. Ocorrem resistências dos estudantes ao cumprimento dessa tarefa, possivelmente por duas razões principais: (i) é difícil para o aluno acessar suas próprias respostas emocionais àquele ambiente, pois não dispõe de nenhum mecanismo facilitador e sua história de socialização não o treinou para ter consciência de suas reações afetivas ao entorno físico; (ii) pela óbvia dificuldade de comunicar tais sensações (geralmente confusas) através de um relato verbal formal, avaliado pelo instrutor e devolvido para “correção” (Pinheiro, 1998).

Ainda assim essa técnica apresenta a vantagem de colocar o aluno em contato direto com suas emoções ambientais. Entre as táticas comumente empregadas pelos estudantes para desenvolvimento desse exercício está a associação do ambiente escolhido no presente com algum ambiente de seu passado, particularmente da época de sua infância. Segundo Bechtel (1991), esta é a mais freqüente das respostas subjetivas, pois “quase todos os estudantes têm respostas que se reportam a experiências da infância” (p. 5). Para o autor, quando as associações com a infância são reconhecidas, o aparato perceptual do estudante é relativamente “relaxado”, “liberado” para notar outras coisas, o que constitui um dos objetivos centrais da técnica.

Por seu turno, o recurso da *viagem imaginária* (*fantasy trip*), desenvolvido por Cooper-Marcus (1979), consiste em um exercício de imaginação orientado por um condutor, tendo como base um roteiro que proporciona um contato inicial do indivíduo com sua crian-

ça-interior e com aspectos dos ambientes presentes nessas lembranças. Nossa própria experiência com a técnica tem mostrado que tal “viagem” é um importante facilitador do processo, reduzindo a ansiedade das pessoas que têm maior dificuldade de introspecção, embora não impeça que os mais resistentes evitem o exercício.

Concluído esse exercício, a próxima etapa costuma ser uma sessão livre de comentários sobre a vivência. Nela os participantes são estimulados a conversar entre si sobre sua percepção do exercício e as situações imaginadas. É um momento interessante, no qual incentivamos a socialização das informações, valorizamos os sentimentos topofílicos emergentes e começamos a trabalhar aspectos sensoriais que poderão ser retomados na continuação dos trabalhos. Além disso, nas experiências que acontecem em sala de aula, esclarecemos não ser esta uma situação que envolva “certos e errados”, de modo que não é possível avaliar tal exercício com notas, ressalva que visa diminuir a preocupação dos estudantes com relação à continuidade do processo.

Na experiência de Cooper Marcus, assim como na nossa, a maioria dos participantes afirma gostar da “viagem”, vários deles se surpreendendo ao fazerem descobertas inesperadas sobre si mesmos. Entretanto, é preciso explicitar que essa não é a única resposta obtida. Além das pessoas que simplesmente não participam (se recusam a fazê-lo, ou tentam, mas não conseguem se concentrar), existem aquelas que questionam a experiência e as que se mostram pensativas/preocupadas ao seu final.

Entre a vivência e sua discussão, podemos solicitar ao participante a elaboração de um trabalho gráfico, definindo uma fase de transição entre a fantasia e a realidade. Tal atividade proporciona aos participantes um “tempo de descompressão”, que costuma ser valorizado, sobretudo por pessoas habituadas a desenhar. A entrega do produto obtido nessa ocasião não costuma ser solicitada pelos facilitadores, ficando a critério da pessoa mostrar ou não o material aos demais.

Em nossa prática, a viagem imaginária serve como “mecanismo de disparo” para solicitação da autobiografia ambiental de cada participante, um texto a ser produzido ao longo de vários dias e com a extensão de algumas páginas, limites que consideramos adequados para a pessoa pensar e organizar suas idéias, mas que também indicam não esperarmos um trabalho monográfico excessivamente elaborado.

Alguns resultados

Temos utilizado a autobiografia ambiental em atividades didáticas e em pesquisa envolvendo universitários, idosos e famílias. No primeiro caso (finalidade didática), a técnica tem sido empregada para estimular o interesse dos estudantes pela problemática ambiental, evidenciando o quanto ela está intrinsecamente relacionada ao seu cotidiano. No segundo caso (pesquisa), como maneira de resgatar valores característicos das várias etapas do ciclo vital de pessoas idosas e valorizar sua experiência; finalmente, com as famílias a intenção é comparar modos diferentes dos indivíduos perceberem uma mesma vivência, de modo a aprofundar o estudo dos aspectos ambientais que contribuíram para elas.

Em tais estudos, as vivências experienciadas e os principais elementos de conteúdo presentes nos relatos obtidos evidenciam a importância e validade da técnica em pesquisas na área das relações pessoa-ambiente, assim como a possibilidade de sua aplicação em outros campos do conhecimento.

Alguns dos resultados que temos obtido (Elali, 2003a e 2003b) corroboram os preceitos gerais que apresentamos na seção inicial desse capítulo (sobre experiência ambiental humana) e as indicações de Cooper-Marcus (1979, 1992), entre os quais destacamos:

- a maioria das pessoas relata experiências em espaços externos;

- uma quantidade significativa de textos descrevem férias, o que é esperável, pois estes momentos são marcantes, proporcionam descontinuidade na vida cotidiana, oportunidades para lazer, convivência familiar e alívio de stress;
- muitas autobiografias fazem referência a casas de avós, sobretudo em se tratando de jovens (no nosso caso universitários);
- é comum a retomada de situações de mudança, como novo local de moradia e alteração de status social da família.

Apresentamos, a seguir, as principais tendências gerais que temos observado nas pesquisas em que temos utilizado autobiografias ambientais, divididas em três itens: elementos textuais, conteúdo explícito e fontes de influência.

Elementos textuais

O conteúdo das autobiografias ambientais é um primeiro elemento a analisar, sendo abordados sua temática básica (o “mote” escolhido), os elementos presentes e ausentes, a linguagem utilizada, a sequência de apresentação dos fatos e dicotomias evidentes, entre outros. Como esperado, e pretendido, em nossas experiências os textos não são muito longos (têm entre 2 e 10 páginas), porém são densos, raramente contendo menos que 5 fatos considerados significativos para o autor. Dentre os vários elementos avaliados, merecem destaque as *características do texto* e a *estrutura temporal da narrativa*.

Características do texto. A maior parte dos textos é escrita em prosa, embora alguns dos depoentes façam versos (poucos) e/ou desenhem entre as linhas ou na lateral das páginas. A linguagem utilizada é coloquial, o que aproxima o leitor/pesquisador daquele que escreve, facilitando a análise.

Geralmente os relatos são escritos em 1ª pessoa (como solicita o exercício), embora algumas pessoas (poucas) escrevam em 3ª pessoa,

tratando de sua história ambiental como se narrassem a de outro indivíduo, ou preferindo referir-se à família.

Todos perguntavam: “Mário (nome fictício), porque você não vai pra rua, não brinca com os outros meninos, solta pipa, anda de bicicleta?” Mário não estava preocupado em fazer nada daquilo. Mario gostava de ver o mar, de pensar, de subir nas árvores e ficar quietinho olhando as coisas que aconteciam lá embaixo. (D.C., 2001, M, 21)

A família mudou-se para Natal no início de 1995. Todos estavam felizes porque a cidade era maior e todos teriam mais oportunidades. Mas tudo era mais longe, e ninguém gostava de passar tanto tempo dentro dos ônibus. (D.C., 1998, F, 25)

Estrutura temporal da narrativa. Classificamos a estrutura temporal presente nas narrativas em quatro categorias:

- Linear no tempo: é o tipo mais comum de texto, no qual o indivíduo relata suas vivências partindo do passado e caminhando para o momento presente.
- Invertida no tempo: a narrativa começa pelo presente e dirige-se para o passado.
- Indefinida, ou caótica: o autor opta por uma estratégia que omite ou evita o tempo cronológico, de modo que os elementos se misturam em função de outro ponto de interesse.
- Com elementos de futuro: quando a pessoa que escreve preocupa-se em fazer considerações sobre o futuro, o que é bastante raro.

De modo geral é difícil exemplificar as categorias anteriormente citadas, pois para essa análise é preciso uma leitura total do texto. Optamos por ilustrar apenas o último item (elementos de futuro), a partir de dois pequenos trechos que, embora tenham sido retirados de relatos maiores, mostram indícios da preocupação dos depoentes em estabelecer algum tipo de relação entre as condições ambientais em que se encontravam naquele ponto de sua autobiografia e a mudança familiar ou as expectativas de vida futura.

As aterrissagens aconteciam o dia todo, e mesmo à noite. Se continuássemos a morar num local como aquele, no cone de voo de um aeroporto movimentado, logo teríamos problemas de audição, ou até ficaríamos surdos. (D.C., 2000, F, 23)

Nossa casa era uma mistura de atelier e estúdio, cheia de telas, tintas e instrumentos musicais. Tanto contato com arte deve ter nos influenciado. Eu faço arquitetura, meu irmão está terminando artes plásticas. Só minha irmã ainda não está na universidade, mas parece que ela também irá escolher esse tipo de área. Não sei se um dia moraremos numa casa comum, com quartos, salas e outros cômodos. Acho que nossa casa sempre será essa coisa caótica e instigante. (D.C., 2000, F, 23)

Conteúdo explícito

Nesse item são comentados *situações e fatos escolhidos* pelos participantes para figurarem nos relatos produzidos, no que se refere aos principais *elementos ambientais, sensações e sentidos* (visão, olfato, tato, paladar e audição) *presentes* naquelas narrativas.

Situações e fatos escolhidos. Sem dúvida o principal tema trabalhado nas autobiografias é a trajetória de vida do autor, muitas vezes envolvendo a sua saída de áreas rurais ou do interior para cidades maiores, ocasiões de férias e momentos de lazer. É quase uma constante os textos discorrerem sobre a infância dos seus autores, grande parte deles também fazendo referência à sua adolescência. Em termos de laços familiares e de amizade mencionados, praticamente todas as narrativas referem-se aos pais, e grande parte delas cita os avós. Parentes (sobretudo tios, primos) e amigos são mencionados em uma quantidade menor de trabalhos (cerca de um a cada três textos que temos lido).

Quando eu e meus irmãos éramos crianças meus pais costumavam nos levar em viagens por praias distantes. Fazíamos piquenique e passávamos o dia todo em contato com a vegetação litorânea em meio às últimas porções de Mata Atlântica, onde haviam cascatas e grandes sombras de cajueiros nativos. (D.C., 2003, F, 19)

Minha mãe sempre cultivou na gente (meu irmão e eu) o viver em contato com a natureza e o aprender com cada experiência. Então, aprendi a conhecer passarinhos e seu canto, as plantas, as ervas, a cuidar de pequenos animais. (D.C., 2000, F, 19)

Minha avó adora jardinagem. Nós até falamos que a casa dela é o hospital das plantas. Assim, quando uma planta da minha mãe está feia, ela leva pra a minha avó cuidar e, depois de alguns dias, vamos buscar a plantinha já totalmente restabelecida. (D.C., 2000, F, 20)

Algumas vezes eu subo nela. A árvore ainda é novinha, só tem uns doze anos, mas já é suficientemente estável para concretizar o sonho de me alojar, sonho porque desde que meu pai a plantou no jardim eu e ele sempre conversamos sobre o quanto ela cresceria e esperávamos chegar o dia que seus galhos pudessem agüentar o meu peso. (D.C., 2003, M, 21).

Confirmando que as pessoas costumam não estar conscientes da presença do ambiente em suas vidas (Ittelson et al., 1974), de maneira que ele só torna-se presente quando incomoda ou em momentos diferenciados, muitos parágrafos dos textos produzidos têm como ponto focal da narrativa as diferenças entre situações ambientais.

Morar em São Paulo era o oposto de estar em Mato Grosso. A atmosfera estava carregada por fumaça a ponto de, em torno de três e meia da tarde já se poder olhar direto para o sol, sempre cercado por um círculo vermelho. (D.C., 2000, M, 35)

Criado no interior e, mais do que isso, em um sítio, só aos 17 anos fui morar numa cidade grande. Estava ansioso por mudar-me, por ir para uma escola grande, por poder chegar à faculdade. No início fiquei triste, mas a sensação foi passando. Naquele momento eu não sabia, mas, sem o encanto do campo, a noite era mais escura na cidade, e a vida era mais entediante. Passei quase um ano fora. Quando voltei, nas férias, entalei de emoção. (D.C., 2000, F, 27)

Natal tem o cheiro de mar; Recife, de lixo; e Moreno, de mato. (D.C., 2000, F, 23)

Por sua vez, várias das lembranças ambientais narradas relacionam-se a situações que se tornaram importantes para o autor por fazerem parte de momentos de mudança de vida ou situação social, independentemente do caráter favorável ou desfavorável que pudessem ter tais experiências.

Em 1979 começou a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Meu pai foi desapropriado e adquiriu outra propriedade no lado oposto do município, transferindo-se do sertão para a várzea. Nosso sítio foi inundado. Eu tinha uns 14 anos e lembro como se fosse hoje. Antes das comportas serem abertas teve uma festa com discurso, palmas e tudo mais. Depois a água começou a jorrar, gritando que agora era a dona da terra. Assistimos a água subir com os olhos cheios d'água. Todo dia desaparecia um pedacinho de algo que amávamos. No final ficou só uma chaminé, mas ela também sumiu. A gente sabia que a barragem era a salvação da região, e a nova propriedade era mais rentável, mas estava longe de se parecer com o que tínhamos antes. (D.C., 2003, F, 41 - In: Machado & Albano, 2003)

Não sei se sei falar muito das marcas que a guerra civil (em Angola) deixou em mim e na minha família. O som dos tiros, os amigos e parentes que morreram, isso ficará para sempre. Não esqueço da *nossa*

saída do país a pé, andando muitos dias pelas estradas de poeira vermelha. A desesperança na cara de cada pessoa, homem e mulher, velho e criança. A fila se perdia na poeira. Aquela estrada nunca vai sair da minha vida. (D.C., 1998, M, 38)

Elementos ambientais indicados. As experiências vivenciadas em áreas livres e espaços exteriores são o maior foco de atenção das autobiografias ambientais, envolvendo a descrição de paisagens específicas que impressionaram o autor e tornaram-se um marco especial no decorrer de sua vida. Falando em sua primeira visita aos EUA, em 1951, para estudar em Berkeley, Tuan (1999) comenta:

Cruzei o continente de trem. O caminho era feito em alguns dias. Não me lembro de toda a jornada entre Nova York e Chicago, mas a próxima etapa da viagem, de Chicago para Berkeley, em um outro trem, foi reveladora. Como estudante de geografia na Inglaterra, eu já tinha lido sobre a Grande Planície e as Montanhas Rochosas, mas o conhecimento dos livros não havia me preparado para o esplendor da realidade. (p. 90)

Embora nas autobiografias ambientais que temos analisado não existam narrativas dessa magnitude, são constantes as referências a locais específicos e seus efeitos sobre os indivíduos, especialmente em viagens.

Em Gramado, ver a água descendo a montanha e surgindo de não sei onde, era encantador. Eu nunca tinha saído de Natal, no começo me assustei com o frio, mas depois descobri que ele me trazia uma intensa sensação de bem-estar. (D.C., 2003, F, 21)

(No Peru) Fiquei encantada com a elegância daquele vulcão extinto. Completamente coberto por neve, ele destacava-se branco no horizonte do céu azul de um dia de sol. (D.C., 1999, F, 25)

Por quatro dias percorremos as trilhas: andar, andar, andar. Só ver árvores ou caatinga, passar por caminhos estreitos, escorregar pela terra fofa ou na lama com cuidado para não bater nos galhos. Sentir o cheiro especial de ar puro e de folha seca. (D.C., 2000, M, 35)

Naquela praia (a antiga Ponta Negra) descobri a maravilha do nascer do sol e do nascer da lua cheia, e foi sob a claridade da lua cheia que, outro dia, me reuni com alguns amigos para falar dos velhos tempos, tocar violão e tomar umas rodadas de cerveja... (D.C., 2000, M, 39)

Além do passeio a cavalo, me lembro de uma grande área de lazer com piscinas, um parquinho feito em madeira bruta e de um laguinho com patos. (D.C., 2000, F, 19)

No que se refere aos elementos da natureza presentes nos textos, merecem destaque a vegetação (sobretudo árvores), os animais (especialmente os mamíferos domésticos e aqueles diferentes/exóticos ou selvagens, citados como curiosidades) e elementos como água e terra.

Já ouviu sabiá-laranjeira cantar no sítio, no fim da tarde, quando a chuva acabou de cair? Dizer isso pode parecer piegas, coisa de letra de música, mas essa é uma das mais antigas e bonitas lembranças da minha infância. (D.C., 1998, F, 21)

Quando era criança adorava subir em árvores e ficar lá em cima um bom tempo. Atualmente o meu instinto simiesco ainda persevera, e de vez em quando me atrevo a levar um livro para o último andar do pé de jambo da minha casa, e lanchar seus frutos durante a leitura. (D.C., 2003, M, 20)

Confirmando a importância da habitação na história de vida dos indivíduos, o ambiente construído mais citado nas autobiografias é a moradia, tanto a parte interna da casa, quanto sua área externa e locais próximos a ela.

Meu quarto sempre foi o lugar mais importante pra mim, o centro do meu mundo. Não é grande, nem muito ventilado, mas é só meu, e sempre foi respeitado. (D.C., 2000, F, 23)

Nossa casa era a mais bonita da rua. Era pintada de cor de rosa, com um jardimzinho na frente e um pé de jambo. Quando as florzinhas do jambo caíam, faziam um tapete rosa-choque sob a copa, que tomava quase toda a frente da casa. (D.C., 2000, F, 23)

Além da própria moradia (quer tenha sido sempre a mesma, ou o indivíduo a conheça em várias versões), a casa de avós mostrase outro lugar de fundamental importância, conforme pode ser notado em outros trechos de depoimentos já aqui citados.

Sensações e sentidos. Refletindo o fato de, em geral, as pessoas terem dificuldade de falar sobre situações difíceis, os textos costumam relatar momentos agradáveis e sentimentos de tranquilidade, segurança e bem-estar, sendo encontradas relativamente poucas narrativas que fazem referência a experiências e sensações desagradáveis, e sentimentos de medo, mal-estar ou tristeza. Citaremos aqui apenas trechos relacionados ao último aspecto, já que o primeiro está ilustrado em vários outros segmentos incluídos nesse capítulo.

Depois do sepultamento fiquei alguns dias com uma amiga, até que precisei voltar pra minha vida. Era noite, eu estava sozinha, a casa pareceu-me escura e tive medo. (D.C., 1999, F, 25)

Detesto baratas. Não é medo, tenho nojo delas. Foi terrível acordar e encontrar aquele monstro no meu travesseiro, me olhando nos olhos e mexendo as antenas. (D.C., 2002, F, 21)

Antes dos 23 anos eu nunca tinha andado de avião, mas tinha a maior vontade. A primeira vez foi uma ida para Salvador. Subi confiante, me sentei na poltrona, apertei o cinto. Tudo mudou na hora que o bicho

começou a se mexer. Bateu aquela insegurança. O ar faltava, o espaço era pequeno, me deu um frio enorme na barriga. Confesso que tive medo, tremi. Quanto mais tentavam me animar e mostrar como as nuvens eram branquinhas e bonitas, mais eu me sentia mal. Não adiantava respirar fundo, nem pensar em outra coisa. Aquelas foram as duas horas mais compridas de toda a minha vida. (D.C., 2000, M, 24)

Continuamente referenciados nas autobiografias, os sentidos mostram-se importantes fontes temáticas, servindo como via de acesso para a conscientização da influência e presença do ambiente (Pinto & Elali, 2003).

Sem dúvida a visão é o sentido mais citado nos depoimentos coletados para nossas pesquisas, confirmando que a maior parte da nossa percepção ambiental tem origem visual. Embora o material aqui já apresentado confirme isso, optamos por ilustrar esse ponto pela compilação do depoimento de uma estudante de graduação do curso de arquitetura e urbanismo da UFRN que, no semestre anterior, havia passado pela experiência acadêmica de deslocar-se no Campus com os olhos vendados.

Para mim, que nunca usei óculos, gosto de olhar para os detalhes das coisas e dependo da visão para movimentar-me, a experiência de passar algum tempo vendada foi assustadora. Só quando terminei de colocar o band-aid nos olhos, botei os óculos escuros e segurei a bengala me dei conta que meu mundo estava completamente negro. Nada do que eu conhecia poderia me ajudar a me orientar no espaço. Me assustei, fiquei bloqueada. Tive vontade de sentar no chão e chorar. (D.C., 2002, F, 19)

Os odores derivados do ambiente são poderosos eliciadores de lembranças ambientais, estando presentes em grande parte das autobiografias, como mostra um dos depoimentos que iniciam esse capítulo, e os trechos a seguir confirmam.

As flores, acho que jasmins, eram muito bem cuidadas e tinham um perfume delicioso; a pitangueira dava frutinhas tão cheirosas e doces que chegavam a enjoar. (D.C., 2001, F, 22)

A pista de atletismo, toda rodeada de eucaliptos, tinha um cheiro muito especial e realmente revigorante. (D.C., 2000, M, 20)

Eu gostava do cenário do campo, o cheiro do gado sempre me chamou atenção. Quando chovia era gostoso sentir de novo o cheiro da terra molhada, de mato molhado (...), notar que o perfume da margarina não é igual ao da rosa. (D.C., 2002, F, 32)

Também o tato é um sentido bastante presente nos textos, em especial a percepção da temperatura associada à ação climática, que é mais citada do que a percepção de texturas, formas e movimento, embora estes últimos também sejam importantes, e tenham participação nas autobiografias.

O ano passado nossa turma fez uma viagem de ônibus. Sair do Rio Grande do Norte pela primeira vez, e sem a família, foi uma aventura especial. Senti o frio do inverno de Ouro Preto queimar a pele, o lábio rachar no clima seco de Brasília, fiquei com uma saudade enorme do calorzinho e da brisa daqui. (D.C., 2003, F, 21)

O veraneio é sempre perfeito... (...) Adoro ir pra praia, sentir a textura da areia quente e úmida, o sol escaldante queimando a pele, deitar com a roupa molhada na rede da varanda e esperar o vento secá-la. (D.C., 2000, F, 20)

Em relação aos sentidos referenciados em itens anteriores, o paladar não é muito citado nas autobiografias, embora quando o faça seja responsável por trechos muito significativos.

O pomar era enorme, cheio de mangueiras, goiabeiras, pés de seriguela, pitomba, limão, cajá-manga. Era muito especial comer as frutas direto no pé. Até hoje, quando como frutas frescas, tenho saudade do lugar especial que era a casa de meus avós... (D.C., 2000, F, 21)

Eu nunca tinha visto uma jabuticabeira e fiquei apaixonada por aquelas frutinhas pretas coladas no tronco. Passei a tarde toda tirando e comendo jabuticabas. Meus primos riam. Depois da primeira meia hora eles já tinham se cansado, e não entendiam porque eu ainda estava achando aquilo tão bom. As jabuticabas e a comida que minha avó fazia no fogão a lenha nunca vão sair da minha memória. (D.C., 1998, F, 39)

A audição também não costuma estar muito presente nos textos produzidos para nossas pesquisas, embora indique sensações e situações muito especiais no âmbito da experiência ambiental humana.

Mergulhar é o meu esporte predileto, meu momento especial. Fico maravilhado toda vez que entro naquele mundo silencioso, onde só os meus pensamentos fazem algum barulho. (...) No fundo do mar, em meio a tanto silêncio, até o som das ondas é diferente. (D.C., 1998, M, 19)

Em Fortaleza moramos pela primeira vez em um apartamento. Me lembro pouco dele. O que mais me marcou foi o piso de taco e o barulho do apartamento de cima(...). Ouvíamos os passos das pessoas como se estivessem ao nosso lado, sabíamos quando uma coisa caía e podíamos dizer exatamente o que era. (D.C., 1998, F, 20)

Morar num prédio, em frente a uma rua de trânsito movimentado e asfaltada, significou a prisão entre quatro paredes (...) Eu não podia entender como alguém podia morar num lugar como São Paulo. E não era só o cheiro de fumaça. O trânsito não parava e seus sons me

incomodavam. Nos engarrafamentos, o barulho dos motores e buzinas, e até os apitos dos guardas, tudo era ensurdecedor. (D.C., 2003, M, 24)

Lembro-me das batucadas e rodas de seresta que meus pais promoviam na minúscula varanda da casa ... Eu era pequeno, e a gente ia dormir ouvindo música. (D.C., 2000, M, 22)

Fontes de influência

Os resultados das pesquisas que realizamos apontam o gênero do respondente como uma influência diferenciadora das narrativas, sobretudo no que se refere aos elementos presentes nelas. Tato e temperatura, por exemplo, são mais citados por mulheres do que por homens. E elas também fazem mais referência a animais e vegetação, sobretudo frutas/verduras e árvores (especialmente as frutíferas). Por outro lado, nos textos produzidos pelos homens há maior citação de elementos naturais, como mar e areia/terra.

Passeávamos pelos roçados, entre as plantações de milho, feijão, mandioca... nesses momentos eu, realmente, sentia-me livre. (D.C., 2001, F, 23)

Também as condições de saúde do participante ou de algum de seus familiares mostram-se importantes influências sobre sua experiência ambiental, tornando-a bastante definida ou representando um momento de ruptura com as condições de vida anteriores.

Há cinco anos coloquei três pontes de safena, e permaneci algum tempo em casa, literalmente assistindo televisão. Em um programa (não lembro qual era) alguém ensinou um exercício de relaxamento, pedindo aos presentes que mentalizassem um momento feliz de suas vidas. Imediatamente visualizei uma das tardes de chuva no Quixeré,

município de Assu-RN, onde nasci. Logo senti o cheiro da terra molhada, dos marmeleiros e velames verdes, ouvi o ronco do riacho correndo, os borreguinhas e bezerros chamando as mães (...) Daí em diante comecei a desejar o contato com a natureza como forma de recompor as minhas forças, gastas em um cotidiano afastado da verdadeira noção de felicidade. Passei a reconhecer que a nossa luta para sobreviver na cidade acaba por nos afastar do que é simples, natural e autêntico. Pelas lembranças da infância acabei redescobrimo o Quixeré. Quando chovia, a euforia contagiava a todos: animais, gente, vegetação. A terra, que antes parecia estar morta e crestada, reverdecia, florida, perfumada, coberta de borboletas, libélulas, besouros, uma explosão de vida. (D.C., 2003, F, 69)

Meu irmão mais velho tem deficiência auditiva. Desde pequenos nos acostumamos a participar das atividades dele, a ajudá-lo e estimulá-lo a tentar fazer tudo o que fazíamos. Todos falamos a linguagem dos sinais. Uma vez minha avó colocou três lâmpadas em cima da porta da cozinha e inventou um código de luzes. Nós, e até nossos primos e os amigos, obedecíamos a suas ordens luminosas. (D.C., 2000, F, 20)

Meu avô teve câncer, e veio morar na nossa casa. A vida mudou. Ele ficou no quarto da minha irmã e ela mudou-se para o quarto da outra. Passava o dia andando de um lado para o outro. Depois ficou mais doente, e meu pai levou uma cama de hospital para casa. Ele gemia noite e dia. O cheiro de remédios estava por todo canto. Aquilo cortava o coração da gente e, por mais que eu gostasse dele, começou a ficar muito chato voltar para casa. (D.C., 1999, M, 22)

Outras importantes fontes de influência sobre as autobiografias ambientais são a idade do indivíduo e o ciclo de vida familiar, pois se notam diferenças nos textos produzidos por jovens e idosos, o que pode ser sentido pelo tom saudosos da narrativa destes últimos, os quais, como era de se esperar, também costumam apresentar maior

quantidade de fatos e oferecer maior riqueza de detalhes sobre as experiências relatadas.

Além disso, nos relatos das pessoas menos jovens são visíveis as diferenças das experiências ambientais vivenciadas nos diversos ciclos da vida familiar, gerando depoimentos relacionados a períodos que denominamos pessoa sozinha (solteiro, divorciado, etc), casal sem filhos, casal com filhos pequenos, casal com filhos adolescentes, um adulto com filhos adolescentes, casal de meia idade e casal idoso.

Assim, nas autobiografias de adultos e idosos é comum encontrar-se tanto referências à sua própria infância quanto à infância dos filhos, como uma segunda oportunidade de vivenciar tal etapa da vida. Ainda nesse sentido, é comum que mulheres idosas cite como a casa que mais gostaram aquela na qual criaram filhos ainda pequenos, detendo-se a descrever, entre inúmeros outros detalhes, o modo como o arranjo do ambiente favorecia estes últimos no aprendizado de ações como andar, engatinhar, jogar bola, andar de bicicleta, subir em árvores, e outros.

Considerações finais

As vivências relatadas nesse capítulo e os principais elementos de conteúdo presentes nos textos compilados indicam a importância do emprego de autobiografias ambientais em pesquisas na área das relações pessoa-ambiente. Seu valor aumenta ainda mais quando são associadas a outros métodos, como questionários, entrevistas e uso de escalas, permitindo triangulações que servem para aprofundar os estudos realizados, aumentando a confiabilidade dos resultados e a nossa compreensão da realidade investigada.

Ressalte-se, no entanto, que, como se trata de um modo de coleta de dados cujo controle é mais exercido pelo depoente do que pelo pesquisador, os resultados obtidos dependem diretamente do público envolvido (depoentes/relatores), embora caiba ao pesquisador motivá-lo para a realização da tarefa, atividade na qual a “viagem imaginária”

mostrou-se especialmente adequada. Nesse sentido, é preciso que a investigação proposta pelo pesquisador seja guiada por uma definição de objetivos coerente com a limitação representada pelo menor controle no levantamento dos dados. Por outro lado, como maior ponto positivo do emprego de autobiografias encontra-se o fato de, para uma exploração das relações P-A, ela representa um acesso pelo lado da pessoa, no que pode complementar o uso de técnicas de observação, como vestígios de comportamento e mapeamento comportamental (as quais proporcionam essa “entrada” pelo lado do ambiente).

No que se refere ao uso de autobiografias enquanto ferramenta de ensino, corroborando Cooper-Marcus (1979: 03) podemos indicar como aspectos fundamentais:

- possibilitar que os estudantes passem a olhar para suas vivências de modo diferente, resgatando locais significativos do seu passado;
- incentivá-los a desenvolver seu senso crítico sobre suas preferências e valores ambientais;
- auxiliá-los a compreender sua escolha profissional e até temas recorrentes em sua futura atividade.

Finalmente, tanto no que se refere à pesquisa quanto ao ensino, a riqueza informacional proporcionada pelo uso de autobiografias ambientais aponta para a possibilidade de serem aplicadas a outras áreas do conhecimento, sobretudo em estudos de percepção ambiental realizados por arquitetos-urbanistas, sociólogos e geógrafos.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

- Altman, I., & Christensen, K. (Orgs.). (1990). *Environment and behavior studies: emergence of intellectual traditions*. Nova York: Plenum.
- Amérigo, M. (1995). *Satisfacción residencial: um análisis psicológico de la vivienda y su entorno*. Madri: Alianza.
- Banyard, V. L. (2000). Using first-person accounts to teach students about psychological disorders. *US: Teaching of Psychology*, 27, 40-43.
- Bechtel, R. B. (1991). *The subjective response to environments*. Manuscrito não-publicado. University of Arizona, Tucson, EUA.
- Bohoslavsky, R. (1975). *Estratégia clínica em orientação vocacional*. Curso de extensão universitária, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 05 a 28 de fevereiro.
- Borrelli, M. A. (2002). Telling it slant: gender roles, power and narrative style in the first ladies autobiographies. *Sex Roles*, 47, 355-370.
- Brandão, L. L. (2002). *A casa subjetiva: matérias, afetos e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva / Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano* (vols. 1 e 2). Petrópolis: Vozes.
- Cooper-Marcus, C. & Sarkissian, W. (1985). *Housing as if people mattered: side design guidelines for medium-density family housing*. Berkeley, California: University of California Press.
- Cooper-Marcus, C. (1979). *Environmental autobiography*. Manuscrito não-publicado. University of California at Berkeley, Institute of Urban & Regional Development, EUA.
- Cooper-Marcus, C. (1992) *Environmental memories*. In I. Altman & S.M. Low (Orgs.), *Place attachment* (pp. 87-112). Nova York: Plenum.
- Cooper-Marcus, C. (1995). *House as mirror of the self: exploring the deeper meaning of home*. Berkeley, California: Conari.
- Dovey, K. (1985). Home and homelessness. In I. Altman & C.M. Werner (Orgs.), *Home environments* (pp. 33-64). Nova York: Plenum.

- Elali, G. A. (2003a). "Esse é o meu lugar..." - um estudo das relações afetivas morador-habitação. Projeto de pesquisa não-publicado, Pró-Reitoria de Pesquisa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Elali, G. A. (2003b). *Relações afetivas e de identidade na habitação: elementos ambientais que favorecem a topofilia*. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, Brasília.
- Giddens, A. (1992). *Self and society in late modern age*. Cambridge: Polity Press.
- Günther, H. (2003). Mobilidade e *affordance* como cerne dos estudos pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8, 273-280.
- Ittelson, W., Proshansky, H., Rivlin, L., & Winkel, G. (1974). *An introduction to environmental psychology*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston.
- Klink, A. (1985). *Cem dias entre céu e mar*. São Paulo: José Olympio.
- Klink, A. (1992). *Paratii, entre dois pólos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Klink, A. (2000). *Mar sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kuehnlein, I. (1999). Psychoterapy as a process of transformation: analysis of posttherapeutic autobiographic narrations. *Psychoterapy Research*, 9, 274-288.
- Lawton, M. P. (1987). Methods in environmental research with older people. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 337-360). Nova York: van Nostrand Reinhold.
- Lee, D. Y., Uhlemann, M. R., & Barak, A. (1999). Effects of diagnostic suggestion on the clinical judgments and real memories of autobiography. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 18, 35-46.
- Levenfus, R. S. (2002). O uso da autobiografia escrita na orientação vocacional. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional* (pp. 263-274). Porto Alegre: Artmed.
- Low, S. M., & Altman, I. (1992). *Place attachment: a conceptual inquiry*. In I. Altman & S. M. Low (Orgs.), *Place attachment* (pp. 1-12). Nova York: Plenum.

- Machado, W. D., & Albano, Y. A. (2003). *Topofilia - um estudo através de duas experiências*. Trabalho acadêmico não-publicado, elaborado para a disciplina psicologia ambiental, curso de arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moser, G. (2003). Sustainability, people and places: an agenda for the future. In G. Moser, E. Pol, Y. Bernard, M. Bonnes, J. A. Corraliza, & M. V. Giuliani (Orgs.), *People, places and sustainability* (pp. 1-10). Seattle, Washington: Hogrefe & Huber.
- Norberg-Schultz, C. (1980). *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. Nova York, Manhattan: Rizzoli.
- Norberg-Schultz, C. (1981). *Intentions in architecture*. Cambridge: The MIT Press.
- Pinheiro, J. Q. (1998). Enseñanza de la psicología ambiental: vínculo afectivo del alumno y estrategias para su promoción. In J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares, & D. Prado (Orgs.), *Libro de Comunicaciones VI Congreso de Psicología Ambiental* (pp. 299-304). A Coruña, Espanha: Universidade da Coruña, Universidade de Santiago de Compostela, Universidade de Vigo.
- Pinto, K. O. R., & Elali, G. A. (2003). Autobiografias ambientais e relações afetivas. *Anais do XIV Congresso de Iniciação Científica* [CD-Rom]. Natal: UFRN/CNPq.
- Quigley, J. (2002). The child's autobiographical self: a developmental linguistic investigation. *Irish Journal of Psychology*, 21, 171-180.
- Richeson, N., & Thorson, J. A. (2002). The effect of autobiographical writing on the subjective well-being of older adults. *North American Journal of Psychology*, 4, 395-404.
- Rivlin, L. (1978). Environmental autobiography. *Childhood City Newsletter*, 14, 2.
- Rivlin, L. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8, 215-220.

- Rubinsten, R. L., & Parmelee, P. A. (1992). *Attachment to place and the representation of the life course by the elderly*. In I. Altman & S. M. Low (Orgs.), *Place attachment* (pp. 139-163). Nova York: Plenum.
- Sommer, B., & Sommer, R. (1997). *A practical guide to behavior research, tools and techniques* (4ª ed.). Nova York: Oxford University Press.
- Stein, N. L., Trabasso, T. & Albro, E. R. (2002). Understanding and organizing emotional experience: autobiographical accounts of traumatic events. *Empirical studies of the Arts*, 19, 111-130.
- Tuan, Yi-fu (1980). *Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL.
- Tuan, Yi-fu (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.
- Tuan, Yi-fu (1999). *Who am I? An autobiography of emotion, mind and spirit*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- Walker, A. M., Koestner, R., & Hum, A. (1995). Personality correlates of depressive style in autobiographies of creative achievers. *Journal of Creative Behavior*, 29, 75-94.
- Werner, C. M., Altman, I., & Oxley, D. (1985). *Temporal aspects of homes: a transactional perspective*. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.), *Home environments* (pp. 1-32). Nova York: Plenum.
- Wiesenfeld, E. (1994). *La vivienda: su evaluación desde la psicología ambiental*. Caracas, Venezuela: Universidad Central de Venezuela, Consejo de Desarrollo Científico y Humanístico.
- Wiesenfeld, E. (1997). *La autoconstrucción: un estudio psicosocial del significado de la vivienda*. Caracas, Venezuela: Ministerio de Infraestructura, Consejo Nacional de la Vivienda.
- Zeisel, J. (1981). *Inquiry by design: tools for environment-behavior research*. Monterey, California: Brooks/Cole.